

A vida social e política ao sabor do telecommando

1. Viver do espectáculo televisivo

«Alô... eu sou o presidente Basescu e quero fazer algumas correcções». De rompante, acusou o primeiro-ministro Calin Tariceanu, participante do directo, de «fechar os olhos à máfia que controla o sector energético». Foi assim que o presidente da república do Estado da Roménia interrompeu, mais uma vez, um directo televisivo. A intempestiva interrupção não surpreendeu ninguém num país já acostumado a que a política se trate diante do ecrã televisivo. O primeiro-ministro, furioso, acusou o presidente de «mentiroso» convidando-o a «falar num tom civilizado» e a renunciar «aos insultos». Este duelo político-televisivo fez os jornais do dia seguinte, onde se podia ler tudo sobre «A guerra das mentiras em directo televisivo».

É claro que a Roménia, em Dezembro de 1989, já tinha tido a originalidade de mostrar «a primeira revolução transmitida em directo», incluindo o assassinio do casal Ceausescu. Desde então, a comunicação social romena, sobretudo a televisão, não deixou de ser o palco, por excelência, da política. Tanto assim é que as televisões privadas descobriram um novo filão para gerar audiências. Elas convidam, e dão largo tempo de antena, a pessoas pouco recomendáveis, particularmente da extrema-direita xenófoba com largo treino e capacidade de provocar e de insultar. E quanto maior a habilidade de criar insultos maior o tempo de antena. É assim que o presidente do partido de extrema-direita «Romania Maré ? PRM», Corneliu Tudor, ou então o milionário Gigi Bacali, patrão do clube de futebol Steua [e também presidente do Partido Nova Geração-PNG] são presença incontornável no pequeno ecrã, sabendo-se que são dois trunfos televisivos para elevar as taxas de audiência. Numa das suas mais recentes aparições, Gigi Bacali entrou de rompante num estúdio gritando contra um dos participantes a quem acusou de o «difamar» e, para provar a sua indignação, colocou os pés sobre a mesa mostrando estar de chinelos, prova de que nem tivera tempo de enfiar os sapatos tal a pressa em «defender a honra».

A política e a vida transformadas em espectáculo televisivo não são uma questão local mas global. Os média [em geral] deixaram desde há muito de ser espaços de discussão, de debate, de informação pertinente e fiável, de racionalidade, de análise da realidade, para serem lugares promotores de espectáculos onde cabem, cada vez mais, a vulgaridade, a originalidade do insulto, a agressividade, a capacidade de ludibriar, humilhar e enxovalhar o outro. O que cada vez mais espectadores esperam é o «espectáculo da vida» e imaginar-se participante dele. Esta dependência dos média tem enormes consequências na actividade viva das pessoas e das organizações. O que hoje se faz, já só se faz para ser notícia. Pessoas e organizações não querem agir sobre a realidade mas fazer saber que agiram. Na redacção do nosso jornal caem todos os dias dezenas de notícias sobre os mais variados acontecimentos. A maior parte delas não tem interesse público mas as pessoas já não fazem nada sem «se acusar». Por outro lado, nota-se que a maior parte dos acontecimentos são organizados não pelo efeito que podem produzir mas pela notícia que podem gerar. A ideia não é transformar seja o que for mas aproveitar seja o que for para fazer o nosso espectáculo, no qual, se possível, possamos ser, não sujeitos, mas actores. A crença de que «o que não passa na comunicação social não existe» tem efeitos devastadores nas sociedades. E se não importa fazer, mas fazer constar que se faz, que consequências tem tal realidade na carreira e na prática docente? Estamos a mudar de paradigma. De algum modo retornamos à pré-modernidade. Voltamos a uma nova teocracia. Como se voltássemos a uma nova idade média.

Lembremo-nos que a modernidade permitiu ao ocidente superar o pensar medieval. Este repousava na crença do poder divino a que os humanos se deviam sujeitar [Deus é que sabe]. A modernidade introduziu a racionalidade. Colocou o homem no centro do mundo. Desvinculou-nos do eclesiástico, secularizou a vida, sujeitando-nos às leis civis e convidando-nos a ser sujeitos da nossa própria história.

Agora, para alguns pós-modernos está morto o projecto moderno. Morta a racionalidade, a capacidade crítica, a secularização da sociedade. Morta a esperança na acção dos humanos comuns. Estes devem desistir da racionalidade, ter fé e sujeitar-se às novas divindades do tempo [os mercados e os média é que sabem]. Obrigados a não pensar, estamos convidados a deixar cair a condição de cidadãos e a tornarmo-nos mero público, espectadores do espectáculo da vida.

2. Pensar está fora de moda?

Roger Dale, na página 25 deste jornal, chama-nos a atenção para a relatividade dos conceitos de educação e para o facto das escolhas dos caminhos da educação serem sempre políticos e não técnicos, ou, digo eu, o resultado de um pensamento crítico.

Neste caso, o pensamento crítico é sempre uma operação teórica dependente do valor de uso que damos à educação. Julgamos e pensamos a educação em função das qualidades e valores que lhe atribuímos. E, por isso, cada um de nós a aprecia, organiza e avalia em função do que esperamos dela. Os objectivos educacionais não têm valor em si. Dependem do que cada um determina como sendo as necessidades sociais, o tipo de pessoas a formar, o mercado de trabalho que se quer desenvolver ou o modo como se pensa e organiza o mundo e a vida quotidiana das pessoas. Os objectivos educacionais são políticos, não são técnicos. E por isso a profissão docente

não dispensa nem o pensar nem a política.

Nos últimos anos, ao contrário do que diz o discurso retórico dominante, a sociedade capitalista organizou-se [continua a organizar-se] para nos dispensar do pensamento crítico, ou seja, do saber. O que é proposto ao cidadão comum é a aprendizagem dos gestos e dos rituais necessários à produção de um qualquer bem comerciável. O saber converteu-se num absurdo. Já não precisamos de saber cozinhar, mas apenas de saber abrir a embalagem do pré-cozinhado. A sociedade capitalista organizou-se para nos fazer balançar entre o frenesim de uma ocupação passiva [o espectáculo mediático] e o frenesim dos rituais do trabalho produtivo. O pensamento crítico, sistémico, faz parte das múltiplas linguagens que hoje estão a perder sentido, do ponto de vista dos gestores do sistema político mundial.

Também nesta Pós-Modernidade portuguesa, onde florescem novos «ismos», a nova gerência do Estado ambiciona dispensar-nos do pensamento crítico e convida-nos a bastarmo-nos com o espectáculo comunicacional. É que não aprender a pensar é condição indispensável para se aceitar que os caminhos do mundo não são diversos, mas são só um e mais nenhum.